

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos contemporâneos.

23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória-ES.

Construção e reconstrução de identidades nas migrações Brasil- Paraguai- Brasil empreendidas por pequenos agricultores brasileiros¹.

Autora: Jissela Fernanda Pineda Gomezcoello²

Graduanda em Ciência Política e Sociologia

Universidade Federal de Integração Latino-Americana- (UNILA).

Coautora: Silvia Lima de Aquino

Professora Adjunta de Sociologia

Ciência Política e Sociologia - Sociedade, Estado e Política na América Latina

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

¹ Esta pesquisa é apoiada pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) através do Programa de Auxílio à Integração de Docentes e Técnicos Administrativos às Atividades de Pesquisa (PAIP). A apresentação do trabalho é apoiada pela UNILA a partir do edital de financiamento à participação de discentes em eventos científicos.

² Bolsista de Iniciação Científica da Fundação Araucária. Agradecemos o apoio da UNILA e da referida Fundação.

Resumo:

O objetivo deste trabalho é o de estabelecer uma reflexão sobre o processo de construção e reconstrução identitária, por parte de pequenos agricultores brasileiros que viveram no campo paraguaio e retornaram ao campo no Brasil, tendo em vista a entrada em um Pré-assentamento de reforma agrária. Para tanto, por um lado, consideraremos as percepções dos mesmos sobre as experiências pessoais e sociais vivenciadas nestes deslocamentos e, por outro, analisaremos a influência dessas experiências na construção de representações e significados relacionados ao Brasil e ao Paraguai e aos termos brasiguai, brasileiro e paraguaio, uma vez que entendemos que identidades são relacionais, o que contribuiu para um permanente processo de construção e reconstrução das mesmas. O referido trabalho se fundamentará em pesquisa bibliográfica e em fontes secundárias, bem como em informações coletadas por meio de trabalho de campo com observação participante e aplicação de entrevistas semiestruturadas a agricultores brasileiros retornados do Paraguai e, atualmente, residentes no Pré-assentamento Nelson Mandela, localizado no município de Lindoeste, pertencente ao estado do Paraná.

Palavras-chave: Identidade; Migração; Brasiguai.

Introdução

O presente trabalho integra um estudo maior chamado “Entre partir e voltar: uma análise das migrações de saída de agricultores brasileiros para o Paraguai e de retorno dos brasiguaios ao Brasil”, que tem como objetivo principal a análise da trajetória migratória de pequenos agricultores brasileiros em direção ao Paraguai e do retorno de agricultores conhecidos como brasiguaios ao Brasil, a partir do ingresso em acampamentos de agricultores sem terra ou em assentamentos de reforma agrária. Dentro dessa investigação emergiram algumas questões relacionadas à construção e reconstrução das identidades dos agricultores que fizeram esse trajeto migratório. Estas questões deram origem ao objetivo desse trabalho, que é o de, por um lado, analisar e compreender mediante as histórias de vida dos próprios agricultores, que percepções têm eles sobre a trajetória que fizeram e, por outro, como, nesse processo são construídas identidades como a de brasileiro, paraguaio e as representações sobre o termo brasiguai.

O referido trabalho se fundamentará em pesquisa bibliográfica e em fontes secundárias, bem como em informações coletadas por meio de trabalho de campo com observação participante e aplicação de entrevistas semiestruturadas a agricultores brasileiros retornados do Paraguai e, atualmente, residentes no Pré-assentamento Nelson Mandela, localizado no município de Lindoeste, pertencente ao estado do Paraná.

Na primeira parte do trabalho apresentaremos um breve debate teórico sobre identidades e migração, conceitos que nos ajudarão nas reflexões sobre a trajetória dos referidos agricultores. Em seguida, à luz destes conceitos, analisaremos, a partir dos relatos transcritos, as percepções dos pequenos agricultores sobre suas trajetórias e como estas percepções se vinculam à construção e reconstrução de suas diferentes identidades, bem como na sua percepção sobre o termo brasiguai. Por fim, apresentaremos algumas considerações finais a respeito das nossas reflexões.

Falando de migração.

O significado de migrar é o movimento de se deslocar de uma região para outra, de uma cidade para outra, de um país para outro. Trata-se de uma movimentação geográfica dos indivíduos para outros lugares diferentes do lugar de nascimento. O processo de migração é capaz de desencadear vários efeitos ou problemas para determinadas sociedades e para os sujeitos que migram, tais como: pobreza, rupturas familiares, desemprego e conflitos culturais no lugar de chegada. As migrações são motivadas por vários fatores, como por exemplo, a tentativa de melhorar as condições de vida e, em muitos casos, se dá por dificuldades econômicas e privações no lugar de origem.

A migração é um processo composto por duas facetas: a emigração (saída do território de origem) e a imigração (chegada ao novo território). Conforme Sayad (1998, p. 14):

(...) O que chamamos de *imigração*, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado, em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de *emigração*; como duas faces de uma mesma realidade, a emigração fica como a outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e que continuará acompanhando enquanto o imigrante, como duplo do emigrante, não desaparecer ou não tiver sido definitivamente esquecido como tal (...) (SAYAD, 1998, p.14).

Estes processos podem se der de duas formas, assim, por um lado, pode ser legal, isto é, se dá a partir do respeito à legislação e por outro, pode ser ilegal, o que comumente ocorre no caso das migrações internacionais, onde indivíduos decidem migrar para um novo território para melhoria de suas condições de vida, mas possuem escassos recursos e conhecimentos necessários para providenciar toda a documentação exigida, além de não serem “desejáveis” no lugar de destino, como percebemos na maioria dos casos a serem analisados nesse trabalho.

Abdelmalek Sayad (1998) estabelece interessantes reflexões sobre processos migratórios. Uma delas repousa na contradição forte entre o caráter provisório e

permanente da condição de migrante, onde: “*não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se se trata de um estado mais duradouro, mas que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade*” (SAYAD, 1998, p.45). Para este autor, analisar o tema das migrações e dos imigrantes passa por entender, em primeiro lugar, o que é ser um imigrante, que características esse sujeito tem. Sayad (1998) ressalta o papel que os migrantes têm frente ao mercado de trabalho, e explica que sua permanência no lugar de destino depende de até quando se configuram como uteis para o incremento da economia deste local, devido à sua mão de obra barata, uma vez que não possuem documentos que os permitam aceder a direitos que os respalde.

As migrações se dão tanto entre cidades como também do campo para a cidade, ou de uma região rural para outra. Assim, um dos segmentos sociais que comumente migram são os agricultores. Este é o caso dos pequenos agricultores brasileiros que com fins de melhorar a situação econômica imigraram para o Paraguai entre os anos 1950 e 1970. Estas migrações foram impulsionadas pela penetração do capitalismo no campo no Brasil, a partir de um processo de modernização de sua agricultura, onde a oferta de créditos e incentivos para a atividade agrícola se restringiu aos grandes latifundiários, excluindo, deste modo, diversos grupos sociais, como os pequenos agricultores (MULLER, 1989). Muitos destes, sem condições de se manterem em suas regiões, começaram a buscar terras em outro lugar, como no caso de Paraguai, que no mesmo período, oferecia terras a bom preço para os estrangeiros colonizarem o território. “*Consequentemente, a migração aparece para os camponeses como uma estratégia de sobrevivência, como uma forma de escapar da exploração do latifúndio*” (Cadernos de Migração, 1989, v.4, p.47).

Em efeito, muitos dos fenômenos que se agudizaram nestas décadas refletem a intensificação do domínio do capital (...) crescentemente globalizado: a difusão crescente do trabalho assalariado; a precarização do emprego rural; a multiocupação; a expulsão de médios e pequenos agricultores do setor; as contínuas migrações campo-cidade ou através das fronteiras; (...) todos esses fatores podem ser relacionados com processos de globalização e com processos tecnológicos associados a eles, incidindo sobre a exclusão social [tradução própria] (TEUBAL, 2001, p.46-47).

As pessoas que migram saem com a ideia de algum dia retornar a sua terra natal, por isso, o caráter do provisório mencionado por Sayad (1998), embora, quando transcorre o tempo a estadia destas pessoas vai-se alongando e estes, em muitos casos, acabam acostumando-se com a nova terra, ou quiçá a situação econômica melhora. Entretanto, em

outros casos, pode ter ocorrido o contrário, a economia pode ter piorado e aqueles que migraram, acabam por ter que retornar a seu país, cidade ou lugar do qual saíram. O fenômeno da migração se torna cíclico, é dizer sair, permanecer, voltar e assim sucessivamente.

Além disso, existe outro aspecto que caracteriza a migração: o papel que tem o migrante dentro da sociedade que ingressa. Este deve comprovar que a estadia dele no país está contribuindo, de algum modo, para o desenvolvimento da região de destino, caso contrário *“o próprio imigrante, desaparece no momento em que desaparece o trabalho que os cria a ambos(...) só tem razão de ser no modo provisório (...) ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho”* (SAYAD, 1998, p.55). Portanto, o imigrante deve permanecer em ocupação e contribuindo para o crescimento da economia do país receptor. Em contrapartida, se o trabalho desaparece ou torna-se escasso, e o desemprego emerge, o imigrante perde ainda mais do que um próprio cidadão do país, porque ao ser provisório e estar respaldado pela existência do trabalho, quando este desaparece, desaparece consigo a necessidade da mão de obra imigrante.

Outro aspecto derivado de processos migratórios, é a ameaça que o migrante representa para o nacional do outro país, falando em termos culturais, o migrante ao deslocar-se para outro lugar não perde as características e qualidades que dão-lhe sentido de pertença a uma nação ou país de nascimento. Então no momento de estar em outro território o que fará este migrante é reproduzir a cultura, costumes, e atividades que sabia fazer anteriormente no seu lugar de origem. Mas no lugar de destino os sujeitos também tem a própria cultura, sendo alguns de seus aspectos vinculados a características nacionais. É neste ponto entre os dos lugares e culturas que se dá um choque cultural. Onde se podem produzir dois fenômenos: por um lado, sobrevivem ambos sujeitos no mesmo espaço e compartilham e trocam aspectos de sua cultura alterando-as, e, o por outro, mesmo que haja trocas, ainda que não percebidas, a cultura dominante procura quitar da outra sua legitimidade e reconhecimento, desqualificando-a.

Nesse sentido, as migrações terminam sendo não só um câmbio de território ou um simples deslocamento de um espaço para outro, uma vez que estes fenômenos implicam e influenciam também a construção identitária dos indivíduos. Portanto, impactam no campo subjetivo e cultural dos indivíduos. Assim, ao migrar, além de procurar melhorar sua

condição econômica, o indivíduo precisa passar por um processo de adaptação ao lugar de destino, já que, em muitos casos terá que conviver com uma cultura diferente, aprender como se portar, as formas de falar, terá que tentar integrar-se com os cidadãos da região para qual emigrou. Ademais, até mesmo o indivíduo que migra e retorna ao lugar de origem, depois de um tempo, também passa por esse processo, uma vez que dadas as experiências derivadas dos deslocamentos, não será o mesmo, terá aprendido outras coisas, se acostumou a outros ritmos de trabalho, a outras formas de falar, comer, etc.

Assim, segundo Antunes (1981) os migrantes têm dois problemas contraditórios: primeiro este migrante está numa sociedade presencialmente na qual não se reconhece e não é reconhecido, não tem direito a ela; e segundo este migrante não está presente de corpo na sociedade a qual pertence e na qual não pode então reclamar direitos. As duas situações têm limitações que terminam numa questão de identidade para o indivíduo que não sabe já qual é seu papel, lugar, o que fazer e receber. Em qualquer um dos casos o sujeito está situado numa etapa provisória e insatisfatória. Deste modo, a categoria identidade, torna-se fundamental, quando analisamos a imigração a partir de uma perspectiva subjetiva, em que as situações como as mencionadas tornam-se centrais nas reflexões.

Falando de identidade...

A identidade é aquele fator que permite um indivíduo posicionar-se de várias e diferentes formas na sociedade, além disso, é um conjunto de características que definem uma pessoa e diferenciam de outra. Esta identidade pode ser cultural, nacional, social, e é formada por vários aspectos. Para Colognese (2012):

O conceito de identidade deriva da raiz latina *idem*, que evoca os sentidos de igualdade e de continuidade. Porém, como as identidades não são únicas e exclusivas, elas se definem relacionalmente umas em relação às outras. (...) a identidade cultural é assumida como um dos componentes da identidade social. Enquanto tal, as diferenças culturais constituem um dos ingredientes no processo de categorização das distinções nós/eles. (...) concepções objetivistas e subjetivistas da identidade. A concepção objetivista remete a identidade dos indivíduos às suas raízes, como o fundamento de toda identidade autêntica. (...) já a concepção subjetivista reduz a identidade a um sentimento de vinculação/ identificação a uma coletividade imaginária, sendo decisivas as representações e as escolhas que os indivíduos fazem no processo de classificação social. (COLOGNESE, 2012, p.146)

A identidade então pode ser vista como um fator simbólico que pode ser objetivo como à nacionalidade que representa e dá caráter de pertencimento ao indivíduo, ou subjetivo, que será o conjunto de qualidades e características que a pessoa ao longo da sua vida vai

apropriando-se, ao ter que conviver com outros indivíduos. Desta forma, a identidade de um sujeito se constrói sempre com base em outro ou outros. Segundo Stuart Hall (1992): “(...) *nossas identidades surgem de nossa “pertença” a distintas culturas etnias, raciais, linguísticas, religiosas e, sobre todo nacionais*” [Tradução própria]. (HALL, 1992, p.1). O autor postula que a identidade é o caráter de pertencer a algo, seja o que for que diferencie o indivíduo de outro. Hall (1992) entende que em tempos mais remotos, a identidade era uma só e única, tendia a permanecer estática como o caso das nacionalidades. Contudo, com o passar do tempo e surgimento de outros fenômenos, como a globalização, há ocorrido um desequilíbrio nessa identidade única, provocando uma crise identitária.

O problema da crise de identidade se funda nesse ponto de quebra, descentralização e divisão da identidade. No entanto, essa crise às vezes tem pontos positivos, onde como fala Hall (1992), se produz um jogo de identidades, no qual identidades são definidas para todos os momentos e circunstâncias, dependendo dos interesses de seus portadores, já que identidades são móveis, fluídas e se constroem e reconstroem continuamente. Um exemplo deste jogo de identidades repousa no caso dos os agricultores brasileiros ou brasiguaios, onde em alguns momentos se autodenominam brasileiros, outras vezes, paraguaios isto dependendo do lugar e momento no que se encontre. Portanto, de acordo com Hall (1992):

A identidade se converte numa “festa móvel”, visto que é formada e transformada continuamente com relação aos modos em que somos representados ou chamados nos sistemas culturais que nós rodeiam (...) o sujeito assume diferentes identidades em momentos distintos, identidades que no estão unificadas em torno a um “eu” coerente” [tradução própria] (HALL, 1992, p.3).

O autor sugere que a identidade em todo caso não é algo que apareça do nada, pelo contrário é uma construção contínua e cambiante nos sujeitos sociais. “*Em realidade, as identidades nacionais não são elementos com os quais nascemos, sim não que são formadas e transformadas dentro de e em relação com a representação*” [Tradução própria] (HALL, 1992, p.14) Deste modo, em nossa perspectiva, o indivíduo se constrói e reconhece-se a si mesmo quando observa, conhece e se relaciona com o outro. Do mesmo, nos fundamentando em Hall (1992), pensamos que a identidade nacional tem o papel de criar um protótipo ou uma série de características peculiares que diferenciam as pessoas que nascem em um determinado território frente as que não pertencem. No entanto, muitas vezes esta identidade nacional pode ser imaginada ou não tão rígida. Isto porque, se por um lado a nacionalidade representa a identidade da pessoa que nasceu no país, por outro lado,

há casos de pessoas que não nasceram em determinado território, mas que se identificam com as costumes e atividades do país para o qual imigram.

De modo geral, então, a questão da identidade sempre transpassa os limites e fronteiras colocadas pelos territórios e nações, devido ao fato do indivíduo estar em constantes transformações. Nesses câmbios o indivíduo vai se adaptando e adaptando seu cotidiano a uma série de características e situações novas e alheias, numa permanente relação com outros na sociedade de destino. “*As diferentes identidades somente podem se manifestar nas fronteiras onde elas se opõem e se separam*” (COLOGNESE, 2012, p.148). Graças à presença das fronteiras entre os territórios é que se pode diferenciar várias e múltiplas identidades que podem conviver entre si, e que também podem surgir novas identidades. Este é o caso do termo que apareceu depois dos processos migratórios entre Brasil e Paraguai, que é o brasiguai, conceito muito complexo de definir de um só jeito, pelas várias formas que se conhece, sendo o mais comum é que brasiguai seja usado para identificar aqueles agricultores brasileiros que vivem no Paraguai, ou também seus filhos que nasceram lá. Então, essa nova identidade resultou do convívio de brasileiros no território paraguaio, essa identidade foi à forma de diferenciar este grupo de pessoas dos cidadãos paraguaios.

O que é ser brasiguai...

Após uma revisão bibliográfica sobre o termo brasiguai, mencionamos algumas das formas em que se pode defini-lo. Autores como Sprandel (2005), Souchaud (2008), Vaz da Costa (2013), abordam o contexto brasileiro e paraguaio da década dos 1950 e 1960, períodos que representam o auge das migrações e ingresso dos brasileiros no Paraguai, desde então e com essa presença estrangeira é que se vai formando um grupo de indivíduos que, mais tarde serão denominados brasiguaios: “*campesinos sem terra, vítimas de abusos e violências conjugadas das autoridades civis e militares de ambas nações*” [tradução própria] (SOUCHAUD, 2008, p. 107). Essa seria uma das definições para o termo brasiguai. Entretanto, conforme Souchaud (2008):

O termo de *brasiguai* se limitava até então a uma conotação estritamente política, mas se projetou a outra social e sociológica, quando chegam ao conhecimento da opinião pública brasileira e paraguaia as desventuras às vezes trágicas desta franja da população. Estes brasiguaios que se encontram incapazes de inserir no sistema agrário que encontram no Paraguai se veem obrigados a voltar ao Brasil. Rechaçados na fronteira, organizam seu retorno clandestino ao Brasil firmemente decididos a fazer valer seu direito à terra através da ocupação de terras improdutivas [tradução própria]. (SOUCHAUD, 2008, p.134).

O que nós queremos ressaltar é como fala Vaz da Costa (2013) é que um nome não basta e não é suficiente para caracterizar e definir tudo o que um objeto ou situação pode representar, e um exemplo muito claro é o caso dos brasiguaios, uma vez que esta categoria tem múltiplas definições dependendo da pessoa, momento e lugar no que se fale. O termo brasiguaião foi mencionado pela primeira vez por um deputado, na década de 1980, quando as migrações de retorno de os pequenos agricultores para o Brasil tiveram início (SPRANDEL, 1996).

No entanto, os paraguaios utilizaram este termo para diferenciar essa comunidade de brasileiros que chegaram como colonos no campo de seu país e lá ficaram por muitos anos. Os paraguaios usam este mesmo termo para ao se referirem aos filhos desses migrantes que nasceram no Paraguai. O que se deve ter em consideração é que o termo brasiguaião, na maioria das vezes, não é utilizado pelas próprias pessoas que recebem a alcunha, senão pelos outros. Portanto serve como forma de identificar uma comunidade diferente. Mas, também são chamados assim aqueles sem pátria, porque não são nem paraguaios nem brasileiros, devido a que não podem reclamar direitos de nenhum dos dois países.

Portanto, o termo brasiguaião não tem uma definição única e simples, e não se refere a apenas um segmento de brasileiros que vivem ou viveram no Paraguai, porque por um lado, abarca àqueles pequenos agricultores brasileiros que migraram para melhorar as condições de vida, mas sem resultados voltaram para o Brasil e, por outro lado, serve também para denominar, sobretudo, pelos paraguaios, aqueles agricultores brasileiros que migraram para o Paraguai e se transformaram em grandes fazendeiros. Assim, torna-se tarefa difícil saber quando os paraguaios ou mesmo outros sujeitos estão falando da primeira conotação ou na segunda, quando utilizam o termo brasiguaião. Uma vez dialogado e interpretado um pouco da teoria e dos principais conceitos que se abordam no trabalho, entramos numa segunda parte que é o trabalho empírico.

Percepções dos pequenos agricultores brasileiros retornados sobre sua trajetória migratória e o termo brasiguaião

O trabalho empírico que fundamentou este artigo foi realizado no Pré-assentamento Nelson Mandela, situado no município de Lindoeste, que se localiza na região Oeste do estado do Paraná. Este Pré-assentamento tem origem em acampamento fundado em 2006. Possui 34 famílias, cuja maioria é originária dos três estados do sul do Brasil (Paraná, Santa

Catarina e Rio Grande do Sul), tendo também vivido no campo paraguaio antes do retorno ao Brasil. A escolha da área repousa no fato de se constituir em um pré-assentamento onde a maioria dos agricultores teve uma experiência de vida e trabalho no Paraguai, antes de decidir retornar ao país. Além da observação participante, no trabalho de campo, realizado entre os meses de maio e setembro de 2015, foram aplicadas 12 entrevistas semiestruturadas com os integrantes pré-assentamento.

Para este artigo, devido à semelhança entre os relatos e trajetórias e, sobretudo, devido ao espaço, nos centraremos na análise de quatro das 12 entrevistas aplicadas. Dentre os temas trabalhados nas entrevistas, destacamos: Os motivos que favoreceram as migrações dos entrevistados ao campo paraguaio, as condições de vida antes e depois de migrar para o Paraguai, e também no retorno, as impressões sobre o local de destino, e os motivos que conduziram ao retorno ao Brasil e ao ingresso na luta pela terra.

Vida, família e partida.

E.S.³ é uma mulher casada de 37 anos de idade, nasceu em Santa Catarina, tem dois filhos nascidos em Paraguai. Estudou até o terceiro ano lá no Paraguai. Ela migrou para o Paraguai quando tinha seis anos de idade e voltou para o Brasil aos 28 anos de idade, mas alguns de seus familiares ficaram lá.

(...) Diz que lá [Paraguai] era melhor né, de aí meu pai achou que ia ser bom, daí foram para trabalhar lá com menta. Ele arrendava a terra, daí plantava menta, daí vendia, trabalhando muito tempo lá a seu jeito. (...) Foi bastante gente naquele tempo, pois o irmão de meu pai, uns três o quatro, até hoje acho que tem uns dos morando lá [no Paraguai], e o resto voltou faz tempo já. (...) Eu ajudava meu pai, na roça também, nós íamos à roça direto. Eu e meu irmão e mais três nascemos aqui no Brasil o resto, os outros quatro nasceram no Paraguai. A maioria se considera paraguaio, falam espanhol, até aprenderam a falar um pouco em guarani, os outros não. Eu para mim, eu era brasileira, porque minha mãe e meu pai eram brasileiros. (...) Para mim sei lá, aqui [no Brasil] é igual que lá [no Paraguai] não acho diferença. (E.S, 02 Maio de 2015).

N.S. é uma mulher casada, têm 53 anos, nasceu no Rio Grande do Sul, têm duas filhas.

Daí já tinha parentes no Paraguai, daí eles sempre falam pra mim para morar no Paraguai, e eu sempre me negava não queria, era longe demais do pai né. Nós fomos passear lá primeiro. Daí nós tínhamos um vizinho lá que era da minha mãe, que ele estava morando lá, que era vizinho de nós não é, daí, então, nós fomos lá visitar ele. Daí ele falou que tinha terra barata para comprar, daí nós compramos, trabalhamos mais era muito difícil já naquela época, porque já acabou já passou né, já estava entrando a crises no Paraguai, nessa época que nós entramos, Já não era aquele Paraguai que você, que eles falam para ti pra entrar. Nós começamos plantar soja, milho, arroz. (...) o que nós tínhamos no meio nos fazíamos. (...) Plantando, limpando os lotes que eram dos outros, plantando mandioca, batata, melancia e nos arrendamos essas terras, bom não era renda, nos só pegamos para plantar milho e deixar limpo. (N.S, 02 Maio 2015).

³ Para manter a privacidade e segurança das pessoas entrevistadas, optamos por ocultar o nome e utilizar somente as iniciais dos mesmos.

G.E. É uma mulher de 56 anos, casada, têm cinco filhos dos quais quatro ficaram no Paraguai e uma mora junto dela. Esta agricultora nasceu no Rio Grande do Sul, mais foi criada no Paraná.

Vieram [os pais] sim, sempre em busca de melhora né, sempre em busca de melhora, mas toda a vida como pobre nunca alcançou nem sequer um pedacinho, de terra, não conseguiu. Daí eu me criei e casei e fomos pro Paraguai com a esperança de conseguir um pedaço de terra. Nós tínhamos lá uma terrinha assim pra plantar, mas terra assim documentada nunca. (...) Nós fomos em 79 ou 78 acho que nós fomos pro Paraguai, (...) já tinha um irmão que estava lá, tinha um irmão meu lá, tinha um cunhado lá e nós fomos também. (...) Foi bem sofrido, meu Deus do céu, chegamos lá encostamos lá com meu cunhado, meu irmão, daí já arrendamos um pedaço de terra e já fomos morar separado, fomos lutando, lutando. Compremos um pedacinho, eles falavam direto de terras, sem documento não é? E aí fomos indo, fomos indo. Nós nunca tivemos terra documentada, é muito difícil documentar a terra no Paraguai, a gente é migrante já é mas difícil, precisava a pessoa ter bastante dinheiro né, pra comprar a terra já legal né, pra gente pobre já era difícil (G.E, 06 Junho 2015).

Em esses três relatos nos permite perceber como é difícil para um imigrante sair de seu país para ir à busca de melhores condições de vida e, ao mesmo tempo demonstram uma das estratégias dos os migrantes, que contribui para a manutenção de sua identidade no campo paraguaio, como brasileiro: viver junto a seus familiares, chama-los para migrarem também. Esta também é uma forma de sentir-se protegido. Desta estratégia se fizeram várias colônias brasileiras no Paraguai, onde o convívio se dava, quase que restritamente entre brasileiros com brasileiros, de modo que estes não sentiam estar fora nem percebiam diferenças da vida no Paraguai da vida em seu próprio país. *“não, nós sempre morávamos na região de brasileiro, sempre em meio de brasileiro agora (...) bem por último como os piás eram já registrados lá né, nós fomos e comprems direitos do assentamento Paraguai”* (G.E., 06 Junho 2015). Outro dado interessante mencionado pelos entrevistados é o de que as terras onde trabalhavam eram arrendadas para plantar, sendo que aqueles que conseguiam comprar algum pedaço de terra não possuíam documentação, apenas um direito, que mais tarde culminaria em desapropriação, o que contribuirá para o desejo de retornar ao Brasil.

Os filhos que nasceram no Paraguai se convertiam em estratégia ou arma para poder sobreviver de forma mais tranquila no Paraguai: *“sim, então não é caro assim registrar um filho no Paraguai, depois que ele é registrado fazer a identidade não é caro, mas o difícil é o [documento de] imigrante. Sim, nós tivemos e obriguemos registrar eles Paraguai pra poder viver.”* (G.E., 06 Junho 2015). Como dona E.S. fala: *“(...) mas tínhamos uma filha paraguaia, a mais nova era paraguaia, ela tinha seis anos, ela era documentada completo.*

Facilitava pra nós, era a arma que nos tínhamos (...) arma seria o documento que você tem” (E.S. 02 Maio 2015). Terem alguém da família com nacionalidade paraguaia: Esta é uma das maneiras que os migrantes brasileiros no Paraguai encontraram para estar mais seguros no território estrangeiro.

Das coisas da vida e condições (saúde, educação, transporte, idioma) e retorno.

A maioria dos entrevistados conta que o fator que mais motivou o retorno era o fato do atendimento à saúde não ser muito bom no Paraguai e, sobretudo, por terem que pagar para serem atendidos.

Não tem condições de pagar, porque a saúde lá era cara, (...) 100 mil guaranis eu acho, era muito dinheiro naquela época, era um monte de dinheiro, com vinte mil guaranis nos fazíamos um rancho pro mês. (...) E a saúde é o principal, é muito difícil, era muito longe, imagina nós do interior tínhamos que sair cem quilômetros no chão batido, pra chegar [ao médico] em dia de chuva (N.S. 02 Maio 2015).

Quando eu morava no Paraguai minha mãe tinha uma criança pequena (...). Daí como a gente é brasileira e o recurso lá é difícil né, ela morreu mesmo porque a gente não tinha condições de socorrer ela né. (...) Mas eu acho que se fosse aqui no Brasil, que uma criança começa a chorar, que você vê que chora assim sem parar, não precisa nem três horas e você leva ali e já descobrem que o que está acontecendo (M.V. 01 Agosto 2015).

Além do custo, o acesso à saúde era dificultado também pela distância. Em relação à educação no Paraguai, os entrevistados relatam que na educação era boa: *“Difícil! Era tudo longe, só que a escola era perto a creche era perto o resto o médico era tudo longe daí meu marido direito tomando remédio, mas do Brasil”* (L.S.⁴, 06 Junho 2015). Uma das contradições enfrentada pelos brasileiros no Paraguai em relação à educação era a de os filhos iam à escola no Paraguai e tinham que falar em espanhol, depois chegavam à casa e falavam português e quando retornaram ao Brasil, de novo passaram por essa mudança na língua: *“a menina chegou ao colégio, aí o professor passava e ela falava meio em espanhol, meio em português né, tentava porque eles lá falavam todo em espanhol”* (N.S. 02 Maio 2015).

O interessante também é que alguns dos entrevistados viveram anos no Paraguai, mas ainda assim não aprenderam o espanhol. E quando perguntados onde preferem viver e querem são vários os relatos como o que apresentamos abaixo, onde enfatizam que desejam viver para sempre no Brasil. Até nessa reflexão os retornados destacam a importância do atendimento à saúde no seu país de origem:

⁴ L.S. é uma senhora de 78 anos de idade e nasceu em Santa Catarina é casada e têm cinco filhos que nasceram lá no Paraguai.

Porque aqui é meu país né, aqui é minha origem, eu tenho que estar aqui, e o custo de vida, eles te dão oportunidade, você vai para ganhar uma criança você vai até hospital você é bem atendida não precisa ter nada, aqui morrer só se é a hora da gente mesmo, o que eles podem fazer eles fazem. Aqui é muito melhor, não sei se é porque é meu país, mas é bem melhor. (M.V.⁵01 Agosto 2015).

Como se percebe na fala anterior, os brasileiros retornados defendem o sentido de permanência do lugar no que nasceram, neste caso no Brasil, apesar de ter morado muito tempo no Paraguai.

Quanto ao termo brasiguai

Em relação ao termo brasiguai, em nossa pesquisa a partir dos relatos dos entrevistados, percebemos que este era utilizado pelos paraguaios para diferenciar os brasileiros, mas também eram chamados de brasiguaios os filhos de brasileiros nascidos no Paraguai. Um dado interessante, é que quando este filho nascido no Paraguai completa os 18 anos, deve decidir que nacionalidade quer ter, e a expectativa é que assuma a nacionalidade de brasileiro: *“Quando ele fizer os dezoito anos, daí ele tem que decidir né, se ele vai ser paraguaio ou brasileiro, daí ele vai assumir a identidade brasileira (...) mas tem que esperar os dezoito anos para primeiro decidir (...)”* (G.E. 06 Junho 2015).

Quando indagada sobre o significado do termo brasiguai, a senhora N.S., explica:

É um brasileiro que foi morar no Paraguai e tem filho de lá, tem um filho nascido lá, daí depois quando sim tu voltas essa criança já fica assim. E o brasiguai só fica porque o filho é de brasileiro ou nasceu no Paraguai, por isso é que tem o nome BRASIGUAIO porque ele é BRASILEIRO aí pra não dizer brasileiro e paraguaio, aí as pessoas foram práticas porque cortam a palavra do Brasil e colocaram a metade do Paraguai. (...) A brasiguai é mistura, vamos dizer que fosse uma mistura, só que é uma mistura só pelo nome, porque pela pessoa ah, é brasileira, porque é filha de brasileiros. (N.S. 02 Maio 2015).⁶

Em relação à decisão de retorno, percebemos que é tomada de forma semelhante a decisão de partida, onde o que motiva é o desejo de melhorar as condições de vida, que, por sua vez, passa também pelo desejo de adquirir um pedaço de terra. Assim, para o retorno, muitos dos agricultores foram convidados pelos familiares a voltarem para o Brasil via acampamento de agricultores sem terra. Esta decisão também é motivada por escutarem pelas rádios, pelos jornais, que a situação econômica no Brasil estava melhor que a do Paraguai.

⁵ Senhora de 31 anos, casada, tem dois filhos. Foi ao Paraguai duas vezes, a primeira quando era criança levada pelos pais, e a segunda quando era adolescente com o namorado que agora é o esposo.

⁶ O relato da senhora N.S é deve-se ao fato da mesma ter uma filha brasiguai, como ela mesmo nos explica: *“Ela é paraguaia mas os pais dela são brasileiros, então com essa mistura se chamam brasiguai”*. Sua filha, aos 18 anos optou pela nacionalidade brasileira.

Considerações finais

Devido a que a investigação esta em andamento, apresentamos resultados preliminares a partir das primeiras entrevistas coletadas. Depois de ter feito um trabalho dividido em dois blocos, o primeiro abordando os termos e conceitos importantes como migração, identidade, brasiguaios, e um segundo bloco empírico, contando e analisando um pouco as histórias e entrevistas feitas aos agricultores brasileiros que migraram para o Paraguai percebemos que maioria dos casos as migrações foram realizadas desde o Rio Grande do Sul para outras partes do Brasil e depois para o Paraguai. Estes deslocamentos empreendidos pelos entrevistados se deram pela busca de melhores condições de vida, fator que anos após lhes farão retornar a seu próprio país.

Essas migrações se configuraram em decisões difíceis, já que os migrantes tiveram que deixar suas raízes, cultura, costumes. Entretanto, o fato curioso é que para que pudessem, de algum modo preservar seu “lar”, os agricultores migravam em grupos maiores, e se instalavam em colônias brasileiras, o que fazia que não sentissem muito a falta da terra natal. Então, essa migração para colônias brasileiras acaba fazendo com que não exista na verdade uma integração intensa dessas duas culturas (paraguaia e brasileira). Desta forma, o que se nota fortemente é a defesa da identidade nacional de brasileiro. Assim, mesmo que tenham morado no Paraguai por muitos anos os agricultores entrevistados nas entrevistas procuraram afirmar a sua identidade brasileira.

As motivações do retorno ao Brasil repousam no fato de entenderem que o Paraguai já não era o mesmo que antes, ou seja, não oferecia mais as oportunidades das décadas anteriores, o que nos permite inferir que os indivíduos se deslocam para o lugar onde percebem a possibilidade de obtenção de melhores condições de vida, que passam por ter acesso à saúde, educação, alimentação. É neste momento e em relação a estes serviços que os brasileiros retornados defendem muito o Brasil como seu país, onde podem realmente ter acesso a vários direitos, é também neste momento que relatam o que é sentir-se estrangeiro no Paraguai.

Enquanto ao termo brasiguaiio tem vários significados, percebemos que para os entrevistados, brasiguaiio é um termo utilizado para falar dos brasileiros que estão no território paraguaio, ou seja, brasiguaiias são aquelas pessoas que estão lá vivendo durante muito tempo. Para os entrevistados brasiguaiios são também os filhos dos migrantes

brasileiros. Em todo caso, brasiguaião não representa uma mistura, mas apenas um termo provisório, durante o tempo que o migrante brasileiro está em território paraguaio.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Marinho. **Migrações, mobilidade social e identidade cultural: factos e hipóteses sobre o caso português**, [S.I.: s.n.], vol. XXII (65), p.17-27. 1981.
- CENTRO DE ESTUDOS MIGRÁTORIOS. Brasiguaios, **Cadernos de Migração**. [São Paulo], v.4, 1989.
- COLOGNESE, Silvio. Brasiguaios: Uma identidade na fronteira Brasil/Paraguai. **Tempo da Ciência**, [S.I.], v.19, n.38, 2. sem. 2012.
- HALL, Stuart. **La cuestión de la identidad cultural**, [S.I.: s.n.], 1992, paginação irregular.
- MÜLLER, Geraldo. **Complexo Agroindustrial e Modernização Agrária**. Série Estudos Rurais, n.10, São Paulo: HUCITEC/EDUC, 1989.
- SAYAD, Abdelmalek. **Inmigração: ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- SOUCHAUD, Sylvain. **Geografía de la migración brasileña en Paraguay**, Assunção-Paraguay, [s.n.], 21 set 2008. (Población y Desarrollo).
- SPRANDEL, Marcia. Brasileiros na fronteira com o Paraguai. **Estudos Avançados 20 (57)**, [S.I.: s.n.], 2006.
- TEUBAL, Miguel, **Globalización y nueva ruralidad en América Latina**. Buenos Aires, CLACSO, 2001. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20100929011903/4teubal.pdf>>. Acesso em: Julho 2015.
- VAZ DA COSTA, Adriana. Brasiguaião: Um nome, uma designação e suas divisões. **RevLet-Revista Virtual de Letras**, [São Paulo-Campinas], v.05, n.01, jan/jul 2013.